



## Morreu Almada Negreiros um dos mais notáveis artistas portugueses deste século

As 21 e 30 horas de ontem, faleceu, no Hospital de São Luís, o grande artista Almada Negreiros. Sofrendo, há muito tempo, de doença que não perdoa foram impossíveis os esforços de uma junta médica—dirigida pelo sr. prof. Fernando Fonseca—para salvar o companheiro de Fernando Pessoa.

José Sobral de Almada Negreiros nascera em 7 de Abril de 1893, e foi baptizado em São Tomé, onde seu pai era funcionário administrativo. De 1900 a 1910 frequentou em Lisboa o Colégio de Campolide, de onde transitou em 1911,

para o Liceu de Coimbra, regressando no ano seguinte a Lisboa, para frequentar a Escola Nacional.

A sua primeira revelação pública como desenhador e caricaturista ficou definitivamente marcada na I Exposição dos Humoristas Portugueses,

(Cont. na 9.ª pág., 1.ª col.)

Este número do «Século»  
é de 20 págs. e foi visado  
pela Comissão de Censura

*Século 16-Junho-1970*

# A MORTE DE ALMADA NEGREIROS

(Continuado da 1.ª pág.)

realizada em 1913, na Escola Internacional da Rua da Emenda. Foi nessa altura descoberto por Fernando Pessoa, que, num artigo publicado na revista «Águia», comentava com entusiasmo, os dotes esperançosos do jovem artista. Os dois anos seguintes foram tempo de produção literária, que viria a culminar na sua adesão ao movimento da revista «Orpheu», em cujo primeiro número colaborou. Para o terceiro número da revista, que não chegaria a aparecer, escreveu «A Cena do Ódio» (só publicado em 1918, numa antologia de líricos portugueses, dirigida por Jorge de Sena).

Datam desta época os seus contactos com Sousa Cardoso, que regressava de Paris e que viria a ter influência preponderante na sua vocação de pintor. A propósito da famosa exposição de 1916, em que Sousa Cardoso se viu alvo de violenta polémica, Almada Negreiros saiu em sua defesa, tendo feito declarações públicas que fizeram furor. Viria a sentir-se na sua obra, a influência dos contactos com o «Ballet» Russo de Diaghilev, que por essa altura actuou em Lisboa.

Almada Negreiros, sempre em busca de novos moldes para a sua imaginação criada, empenhou-se, então, no lançamento do Movimento Futurista em Portugal, pronunciando, então, uma série de conferências no Teatro São Luís, e publicando o seu livro «Portugal Futurista».

As ideias de Marinetti, pouco antes vindas a público, seriam deste modo conhecidas em Portugal através do entusiasmo de Almada Negreiros que entre nós se começava a impor como um dos maiores paladinos das novas correntes de arte moderna.

Entretanto, a influência do Ballet Russo levava a nova experiência artística, formando com Luís Reis Santos e Cotinelli Telmo um brilhante trio de «ballet» que em 1918 actuou em São Carlos, numa realização de Helena Castello-Melhor. Como o grupo se visse obrigado a desmantelar-se, Almada emigra em 1919 para Paris, onde não chega a frequentar os círculos artísticos mas recolhe nova experiência humana em contacto com o ambiente operário. Durante esse ano em que teve de trabalhar como operário para poder sobreviver, não conseguiu continuar os seus trabalhos de investigação artística, mas quando regressou a Portugal restaram as suas preocupações ideológicas, que em 1921 se concretizariam na conferência pronunciada na Liga Naval, apresentado por António Ferro e que publicou em seguida com o título «A Invenção do Dia Claro».

A sua vocação de pintor abafara a vocação de poeta, ou melhor, Almada seria um grande poeta com a linguagem do desenho e da cor, em vez de continuar a exprimir-se na linguagem da palavra.

Ligado por amizade a Joaquim Manso, inicia a partir de 1921, intensa colaboração no «Diário de Lisboa» que acabava de nascer. Em 1925 escreve o romance «Nome de Guerra» (publicado em 1938 numa colecção dirigida por João Gaspar Simões) e pinta dois dos quadros do conjunto da «Brasileira» do Chiado.

«Nova emigração, em 1927 desta vez para Madrid, onde se fixou até 1932, colaborando numa grande exposição de pintura, poucos meses depois da sua chegada à capital espanhola. Trabalha depois como ilustrador de vários jornais e entra no círculo intelectual madrileño em que pontificam Llorca, Luis Buñuel e Rafael Alberti. Além de se ter afirmado como grande decorador de teatros, cinemas e casas particulares de Madrid (trabalhos infelizmente desaparecidos), Almada Negreiros faz em 1928 uma exposição individual e escreve em espanhol as peças «Precisa-se Mulher» e «S. O. S.», que formam o díptico «El Uno, Tragedia de la Unidad», de grande interesse literário e filosófico. O díptico é a definição acabada da sua ideologia que «A Invenção do Dia Claro» e «Nome de Guerra» já tinha apontado claramente.

De regresso a Portugal em 1932, novamente dá que falar com a sua conferência «Portugal Direcção Única» (publicada logo a seguir pelo pintor António Pedro), na qual expõe as suas ideias sobre a unidade nacional, fugindo todavia a qualquer compromisso de natureza política. Esta será a sua última obra literária. Seguem-se vários anos de trabalho intenso até à sua colaboração na «Exposição do Mundo Português» (1940). O ano de 1941 ficaria assinalado pela grande exposição «Almada, trinta anos de desenho 1911-1941» no Secretariado da Propaganda Nacional.

Novo arranque da sua especulação filosófica, a caminho de uma interpretação mitológica da arte e da vida, constituiu a célebre conferência de 1944, «Descobri a Personalidade de Homero» que pronunciou no «hall» do «Diário de Notícias».

Entretanto a sua espantosa imaginação e o seu desenho virtuoso que, já como decorador, o tinham revelado como um pintor das grandes superfícies, manifesta-se exuberante

mente nos vitrais da igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa (1938) e sobretudo nos grandes frescos das gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos, estes últimos justamente considerados o melhor da pintura portuguesa da época.

Datam de 1950 os seus trabalhos da interpretação do Palíptico de São Vicente de Fora, Almada que, já em 1926 anunciara o descobrimento da perspectiva dos ladrilhos do palíptico (determinando o seu novo arranjo museológico) retoma as suas ideias de interpretação mitológica de Homero, para se embrenhar numa engenhosa especulação interpretativa dos painéis ditos de Nuno Gonçalves, a qual apaixonou vivamente os meios cultos do País.

Em 1954, surgiu-lhe a oportunidade de prestar o seu pretoiro de homenagem a Fernando Pessoa, a que se soube adivinhar no jovem pintor de 1913 a genialidade que se viria a demonstrar nos quarenta anos seguintes. Almada pôs no retrato do poeta o melhor do seu talento, tendo deixado para a história da arte portuguesa o melhor retrato de toda a nossa pintura contemporânea.

Toda a sua teoria seria exposta em público pela primeira vez em 1960, numa longa série de entrevistas publicadas no «Diário de Notícias».

Toda uma vida de estudo, de procura, de contactos e de especulações filosóficas viria a encontrar a consagração completa no famoso painel «Começar» do novo palácio da Fundação Gulbenkian, em estudo do ano de 1968, terminado em 1969. «Começar» foi o fim da sua grande carreira artística, embora neste Almada ainda tivesse trabalhado, o ano passado, na construção dos frescos da Universidade de Coimbra.

Almada Negreiros deixa vasta colaboração dispersa em jornais portugueses e espanhóis. Recebeu os prémios Columbano (1942), Domingos Sequeira (1945), Hors Concours da 1.ª Exposição Gulbenkian, e Prémio Nacional das Artes.

Sobre a sua vida e a sua obra foi publicada em 1963 uma monografia da autoria de José Augusto França, que nos últimos dias ultimou um estudo exaustivo sobre mestre Almada, a publicar brevemente.

A última aparição em público deste portentoso criador de imagens ficou-se a dever ao programa Zip-Zip, transmitido pela RTP, do Teatro Villaret.

Almada Negreiros era casado com a pintora D. Sarah Afonso de Almeida Negreiros e pai dos srs. arq. José Afonso de Almeida Negreiros, e Augusto Sobral e da poetisa Ana Paula de Almeida Negreiros.

O seu corpo, que esteve depositado no Hospital de São Luís, será transferido hoje, às 16 horas, para a basílica da Estrela, de onde o funeral sairá amanhã, às 12 horas, para o cemitério dos Olivais.

## Adiada a retrospectiva de Vieira da Silva

Devido ao falecimento de Almada Negreiros, o conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian decidiu adiar, para data que será oportunamente anunciada, a inauguração da exposição retrospectiva de Maria Helena Vieira da Silva, que devia efectuar-se hoje, às 17 e 30. Pelo mesmo motivo, não se realiza, também, a conferência de Imprensa marcada para hoje, às 10 e 30 horas, do comissário da mesma exposição.